

DIOGO-CÃO

REVISTA ILUSTRADA DE ASSUNTOS HISTÓRICOS

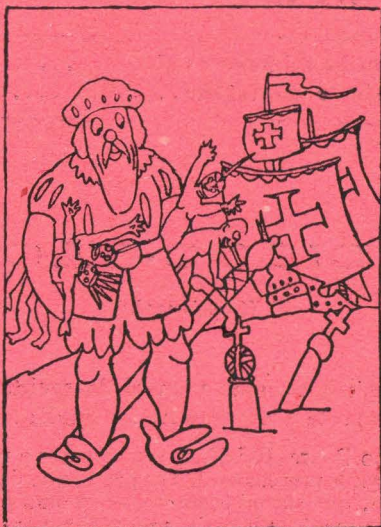
(Com tôdas as licenças necessárias)

Director, redactor, administrador, editor e proprietário

PADRE MANUEL RUELA POMBO

(Missionário secular português e antiquário amador)

— COLABORADORES — SELECCIONADOS —



SUMÁRIO:

*Os ossos de Diogo Caão—Viagens científicas ou filosóficas
—A fortaleza de Sam-Pedro, da barra de Luanda—O
governador dom Manuel Pereira Forjaz —A inva-
são e ocupação do porto e cidade de Luanda
pelos Holandeses, em Agosto de 1641
A Misericórdia de Maçangano—A cidade
de Salvador, no Oiteiro de Congo*

TIRAGEM 1:000 EXEMPLARES

LUANDA

1932

AGENTE:

AMADEU AMORIM

LUANDA — C. P. 327

VENDE-SE NAS LIVRARIAS:

—MINERVA, na Travessa da Sé

—A LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia

Preço de cada número avulso.....	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

“DIOGO-CÃO”

(Continuação)

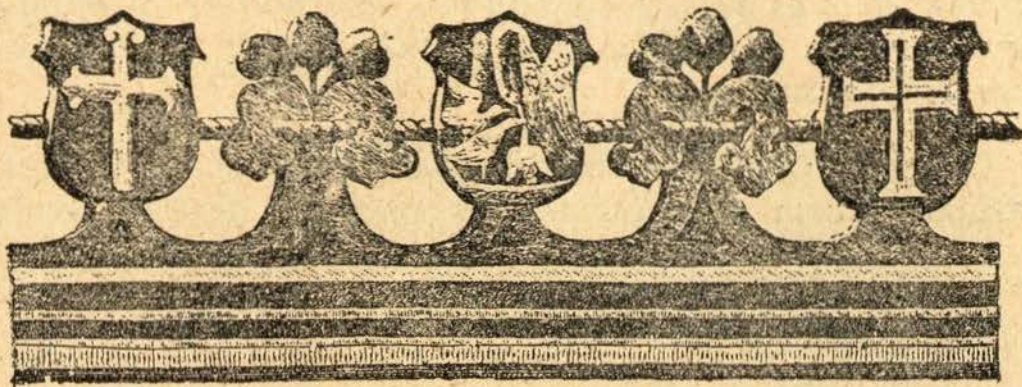
II.)

Acaba de sair o segundo número da revista *Diogo-Cão*, que passou a ser composta e impressa na Tipografia Minerva.

O Reverendo Padre RUELA, seu director e redactor, que não tem, com certeza, a pretensão de ter produzido obra suprema, merece, no entanto, que reconheçamos que só uma pertinaz boa-vontade, aliada a uma inteligência preparada para a luta, poderia apresentar num meio como o nosso, uma revista como esta.

A par de uma documentação inédita e valiosa, traz várias notas elucidativas, e é ilustrada com diversas gravuras, que complementam os assuntos nela ventilados.

(De—Última Hora—de Luanda, em 3 de Maio de 1932).



OS PORTUGUESES EM ANGOLA

I

DIOGO CÃO

...Jaz em Vila-Real, na Igreja de Sam-Domingos, onde o seu sarcófago simples está exposto na arcadura da nave, do lado do Evangelho.

Dr. A. C.

(Continuação da página 164 e Conclusão)

14—El-Rei dom João recebe em Beja a embaixada de Congo



O cosmógrafo-amador Martin Behaim

COM ESTA EMBAIXADA o dito embaixador Caçuta chegou a el-rei, estando em Beja; e, com os requerimentos e tenção de Muenicongo, El-Rei ficou tam ledo e tam contente de si, dando louvores a Deus por coisa de tanto seu serviço como esta era, quanto um muito católico Príncipe, como êle, podia fazer. E recebeu o embaixador Caçuta com muita hõnra e galsalhado; e, logo, por suas

vontades, éle e os de sua companhia, com muita solenidade, foram cristãos, e El-Rei e a Rainha foram padrinhos e assim alguns senhores.

O Rei de Congo ou Muenicongo, que se chamava Nzinga-a-Cuúm, com esta embaixada mandou também certos



A estátua de Martim Behaim,
em Nuremberg

moços pequenos de seu Reino, para que fôsem feitos cristãos e aprendessem a ler e a escrever, e muito bem as coisas de nossa Fé, para que êstes, em tornando em seu Reino, por saberem ambas as línguas e costumes, pde-riam a Deus e a éle muito servir e aproneitar a todos de seu Reino.

15—Diogo Caão...

esquecido ou sumido

DO navegador Diogo Caão, pessoalmente, nada se sabe além das viagens e descobertas que lhe esclarecem e perpetuam o nome:—assim disse Luciano Cordeiro.

Depois de Maio de 1486, desapareceu Diogo Caão dèste cenário trabalhoso.

—Em Agosto de 1487, enviou el-rei dom João II outra esquádra para continuar os descobrimentos onde Diogo Caão os havia interrompido, sob o comâdo, porém, de outro chefe—Bartolomeu Dias de Novais—porque El-Rei não queria dever demasiado a um só homem; máxima muito sábia, cujo alcânce teve de reconhecer algum tanto tarde o govêrno espanhol, quando, por ter feito concessões assaz vastas a Cristóvão Colombo, se

viu envolvido em complicações sérias.—(Dr. Manuel de Oliveira Ramos, na *História da época dos Descobrimentos*, às páginas 101-105).

No Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa existem duas velhas e formosas cadeiras, que pertenceram em Vila-Real de Trás-os-Môntes, aos descendentes de Diogo Cão, a família Nóbrega, cujos espaldares ostentam ainda o escúdo de armas do grande navegador português, que nestas modestíssimas páginas queremos homenagear.



A nota de «Um angolar» com a effigie de Diogo Cão

Na verdade, el-rei dom João II acautelava manhosamente os segredos das emprêsas marítimas...

Está plenamente averiguado que o negociante e cosmógrafo-amador Martim Behaim ou Martinho de Bohémia não tomou parte nas expedições de Diogo Caão.

16—Os ossos de Diogo Caão

NA hoje cidade de Vila-Real de Trás-os-Môntes, na igreja, também hoje catedral, de Sam-Domingos, existe o túmulo, que guarda os restos mortais do grande navegador Diogo Caão, que achou, nas duas viagens pela costa ocidental africana, as terras de *Congo, Angola, Benguela*.

Diogo Caão morreu, talvez, na primeira ou segunda década do século de quinhentos.

Voltaremos, mais tarde, a êste assúnto.

Presídio de MUXIMA

23-Março-1930.

Advertência—Na segunda Série, ocupar-nos-emos então de Rui de Sousa.

Tal emprêsa teve já certo valor ou carácter de verdadeira ocupação, não apenas simbólica ou inicial, como fez Diogo Caão, mas territorial ou material: não vieram os portugueses a descobrir terras novas ou desconhecidas, mas cumpriam ou desempenhavam missão certa e determinada.

P. R.



História Natural Angolana

(Colheita e remessa de produções dos três reinos)

—Ao Ex.^{mo} Sr. Doutor Luís W. Carrisso dedica este modesto artigo o—Padre RUELA

—O estudo dos 3 ramos da natureza é uma sólida base da verdadeira educação religiosa, sem a qual a sociedade não pode progredir. O homem, que contempla o espectáculo grandioso da criação, e que admira as belezas e maravilhas dos seres creados, não pode deixar de elevar, reverente, o seu espirito até ao CREADOR do universo ..

J. A. Simões de Carvalho

—O primeiro passo de uma nação, para aproveitar suas vantagens, é conhecer perfeitamente as terras que habita, o que em si encerram, o que de si produzem, o de que são capazes. A história-natural é a única ciência que tais luzes pode dar...

J. Correia da Serra

O DOCUMENTO, QUE VAMOS AQUI TRANSCREVER E COMENTAR, existe no arquivo da antiga Secretaria Geral de Angola, no Livro VI das Ordens, Instruções e Portarias do governador Manuel de Almeida e Vasconcelos, à fôlha 2, verso, e tem a data de 17 de Outubro de 1790.

Além das informações curiosas e exóticas sobre os três reinos da natureza, que nos deixaram os cronistas dos nossos descobrimentos, os padres missionários e os primeiros aventureiros e colonos, na verdade podem colher-se muitas notícias ou referências às viagens científicas ou filosóficas, que, por vezes, foram feitas ao nosso Ultramar, nos seguintes autores e livros e revistas, principalmente:

--Anais Marítimos e Coloniais,

- Boletim e Anais do Conselho Ultramarino,*
 —*História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal,* por José Silvestre Ribeiro,
 —*Memória histórica da Faculdade de Filosofia,* 1872, em comemoração do primeiro Centenário da reforma da Universidade de Coimbra, por Joaquim Augusto Simões de Carvalho,
 —José de Anchieta, nos seus estudos da fauna e geologia de Angola,
 —*Plântas úteis da Africa Portuguesa,* pelo Conde-de-Ficalho,
 —*O dr. Frederico Welwitsch e a sua obra em Angola,* por José de Almeida,
 —Joaquim Rodrigues Graça, Hermenegildo Capêlo & Roberto Ivens, J. Bettencourt Ferreira, Agostinho Sesinando Marques e J. Pereira do Nascimento...
 —Carlos França, no volume 15 da *Revista de História* do sr. dr. Fidelino de Figueiredo, —*Os Portugueses no século XVI e a história natural do Brasil,*
 —Diversos relatórios do engenheiro José Bacelar Bebiano, com a colaboração do revmo. mons. dr. Manuel Alves da Cunha...
 Mas...vamos ao nosso documento.

Instruções gerais aos Capitães-Móres, sobre a colheita e remessa das produções naturais, que hão de ser dirigidas ao Real Gabinete de História Natural:

Sendo um dos artigos mais recomendados da minha Comissão a colheita e remessa das Produções Naturais desta Conquista, e não sendo possível acudir pessoalmente à execução das Ordens concernentes,—encarrego a todos os Capitães-Móres e Cabos das diversas Jurisdições, a que presidem, a observância das Instruções seguintes:

a) —Zoologia

PRIMO.—Considerando todos os Produtos Naturais debaixo da grande divisão de ANIMAIS, VEGETAIS E MINERAIS, fazer por obter tôdas as espécies dos Primeiros—ANIMAIS, que, sendo possível serem apanhados por meio de laços ou outro qualquer meio, bastará que se proceda a tirarem-se-lhes, por uma pequena incisão

feita na parte mais inferior do ventre, os intestinos; e, sendo quadrúpedes, os miolos, o que se consegue, despindo-se a pele até aparecer o casco, do qual se tirarão os ditos miolos por um pequeno buraco; e, feito isto, se meterá a pele, em que devem ficar os ossos dos pés e mãos e cabeça, em uma vasilha, que fique coberta com um licor constante de duas partes de geribita e uma de água; e, bem tapada, se remeterá prontamente a esta Capital.

Se o animal for um pequeno pássaro, bastará se lhe tirem os intestinos; e, se for animal grande, deve só vir a pele com os ossos pegados dos pés e mãos e cabeça, como fica dito.

Os bichinhos ou insectos, logo que forem colhidos, se pregarão sobre um pedaço de cortiça ou outra madeira mole, pregados cada um com um alfinete, que se lhe cravará no alto das costas, atravessando-lhe o peito até cravar-se na dita cortiça, sem lhes despedaçar uma só asa ou perna.

Os peixes podem vir em barris, dentro na calda acima descrita, mas, sendo dos maiores, é melhor despir-se-lhes a pele e remetê-la com todas as suas escamas e barbatanas do corpo, e cauda, e ossada da cabeça.

Não é tam fácil enviar os animais, que habitam as conchas do mar, e de outras águas, mas devem vir todas as conchas, que, sendo de uma só peça, basta o cuidado de não lhe quebrar nenhum de seus arnatos; e, sendo de muitas ou de duas, devem vir todas com os seus adornos e nunca desirmanadas ou em uma só das ditas peças.

Com as cóbras ou serpentes e outros anfíbios, como tartarugas, etc., se praticará o indicado a respeito dos outros animais, notando que, as primeiras, é mais seguro mandá-las no dito mólho, tirando-lhes os intestinos; e das tartarugas, quando se não consiga o corpo inteiro, venham os seus cascos superiores e inferiores.

b) — Botânica

Deve, a respeito dos VEGETAIS, munir-se previamente de uma porção de papel pardo, ou borrador, e de papelão chamado de cartucho ou outro qualquer papel de marca grande e duro, em cujas qualidades se distingue aquele, sendo ao mesmo tempo mais vulgar. Colhida a planta ou ramo de árvore com as suas flores e, se for possível, com as sementes, se disporá em cima de uma tábua coberta de uma camada de 3 ou 4 folhas do papel pardo primeiro, e coberta com outra igual camada, sobre a qual se lhe porá outra tábua, que basta seja do comprimento de 3 palmos e de 2 de largura, sobre a qual assentarão algumas pedras, ou qualquer outro peso, e que não exceda o de uma arroba; se a planta for delicada, bastará um peso menor e talvez o da tábua, que deve ser rija e inflexível; e, se a planta for muito sucosa, deixar-se-á primeiro secar um pouco, para passar-se depois à prensa descrita.

Nesta divisão entram, não só as árvores, ervas plântas, mas também o que chamam vulgarmente musgos, os quais são uns produtos ou cápas que cobrem as árvores velhas e os penedos, distinguindo-se entre estas espécies a preciosa URZELA.

c) — Mineralogia e Geologia

Entende-se por MINERAIS não só os metais mas também os sais, os betumes, o enxofre, as terras, as pedras, etc.

Os metais, colhidos nas suas minas, devem vir acompanhados das pedras em que estão engastados, das que habitam na sua vizinhança e da terra que os cobrem e em que descansam.

Tôda a terra salina tem sabor e êste é a verdadeira nóta para conhecer os sais. Os betumes ardem e com um chêiro apropriado.

Cada pedaço de pedra pertencente ao rochedo não deve ser menor que um pálmio quadrado, bastando-lhe a grossura de duas polegadas. Se a pedra fôr um qualquer seixo, virá tal e do modo como foi colhida sôbre a terra.

Na prática desta aplicação, deve o encarregádo dela fazer que acompanhe a cada uma das espécies o nome do país ou outro qualquer que nele tem.

Tôda a delicadeza nas remessas é pouca, particularmente das conchas, que devem transportar-se envolvidas em estôpa ou algodão.

d) — Etnografia

Recolherá, com igual curiosidade, as armas, instrumentos de agricultura, atavios, ídolos dos naturais, se os houver; descreverá a mais insignificante manufactura da sua indústria; e finalmente, fará tôdas as observações, que puder colher, da religião, ritos e legislação dos bárbaros.

e) — Geografia Física

Observará os limites das diversas provincias, rios por que são cortadas, lagos que comprehendem e qualidades destas águas, cujos conhecimentos poderá adquirir, parte pela própria inspecção e parte por uma bem contestada noticia dos habitantes e antigos Colonos.

Quartel General de Angola

Manuel de Almeida e Vasconcelos

Qualquer pessoa podia dar cumprimento a estas Ordens...

¿ Se foram executadas ou não? — havemos de averiguar.

Ora... *in illo tempore*... deu-se o caso, ou deram-se os casos, d os sábios naturalistas, que vieram proceder a estudos na colônia de Angola, não serem comprehendidos pelas Autoridades superiores, como ministros e governadores!!!

Da missão, que veio em 1783, por enquanto também nada encontrámos nos arquivos de Luanda.

Lopes de Lima o menos que chama ao doutor João Conrado Lang, é... impostor...

Os nossos políticos não deram melhor... tratamento ao doutor Frederico Welwitsch, que por aqui andou de 1853 a 1861...

Em verdade, o estudo da História Natural de Angola, nos seus três reinos, é muito interessante e curioso... é... é...

Nós é que não nos vamos meter nesta outra *camisa-de-nove-varas*... não... não...

Nem como simples... amador.

Para nos fazer suar as... barbas, dá e chega a nossa investigação da História-de-Angola, política e religiosa.

Bichinhos & Bicharocos, Ervas & Árvores. Diamantes & Enxofre, Pedras & Metais, Betumes & Petrólio... estudem-nos quem quiser.

Certamente, o assunto interessa-nos pelo lado da cultura intellectual, mas... os sábios naturalistas, tanto os portugueses como os estrangeiros, exigem uma especialização técnica tal que, profanos como somos, quási não os entendemos...

Abram, por exemplo, os livros de José Vicente Barbosa du Bocage e de Félix de Brito Capêlo e vejam: ¿ se não lhes parecem...sábios da Grécia?...

...para nós, os profanos!!!

...para nós, os amadores!!!

Não pertencemos, caro Amigo Dr. Carrisso, àquele número de indivíduos grosseiros que não sabem ou não podem dar o real e justo e positivo valor ao estudo da útil história-natural de Angola; não, Senhor.

Como missionário, também reconhecemos e sentimos, cá dentro da nossa alma, as seguintes verdades mcras e económicas:

— *A natureza oferece, por tôda a parte, um campo inexgotável de instrução agradável e amena. Não há estudo que mais eleve o espírito e melhor forme o coração. Os objectos e produtos, que o naturalista estuda nos três reinos desta ciência, são o elemento poderoso do comércio, da indústria e da vida social.* —

AMEN.

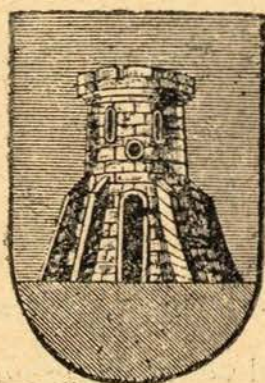
Nos nossos dias, *parece* que tudo tem melhorado: no entanto, a censúra, que o doutor Domingos Vandelli faz à Angola, nas suas MEMÓRIAS sôbre a agricultura e produções de Portugal e das suas Conquistas, ainda não está destruída...

De propósito, grifamos o vocábulo *parece*, porque, de facto triste, a técnica portuguesa agrícola, cá pelas terras angolanas, é apenas... burocrática.

A nossa indigência intelectual tem sido ou é tam franciscana que... temos de contratar estrangeiros para tais serviços!!!...

Aqui ficam estas linhas que... não têm moral nenhuma:

Presídio de MUXIMA, Outubro de 1932



AS FORTALEZAS DE LUANDA

III

A Fortaleza da Caçandama

(ORAGO: SAM-PEDRO)

À memória respeitável e saúdosa do tenente-coronel **Pedro Augusto de Sousa e Silva**, belo carácter, que era, e escritor colonialista ilustradíssimo, — HOMENAGEM modesta, mas sincera e sentida, do seu amigo e admirador: Padre R(UELA, pároco-missionário do Presídio de Maxima, na circunscrição civil de Quiçama e distrito de Quanza-Sul).

— Por carta-régia de 28 de Abril de 1702 se mandou fazer a bateria da Caçandama.

LOPES DE LÍMA

1—O princípio da fortaleza do môro da Caçandama

OS DOCUMENTOS, QUE TEMOS PUBLICADO nesta secção, por mais de uma vez fazem referência à útil e necessária construção de duas fortalezas: uma—no môro da Caçandama e outra—no môro das Lagostas.

Com o progresso comercial do pôrto de Luanda e com o progresso também da tonelagem e qualidade das naus ou navios, que o frequentavam ou podiam invadir, natural é que, para a sua defesa, os governadores fôsem aumentando, pela praia ou marinha, o número de fortalezas, adaptadas à necessidade, e depois melhorando-as, como as circunstâncias do tempo impunham.

A primeira estaçada da Caçandama foi obra do governador dom Manuel Pereira Coutinho, como já ficou notado.

2—No tempo do gov. Pedro César de Meneses

QUANDO, em Agosto de 1641, os Holandeses se apoderaram do pôrto e cidade de Luanda, era comandante da estacáda da Caçandama o capitão António Vás da Costa: assim diz António de Oliveira de Cadornega, testemunha ocular desta invasão.

Por sua vez, os Holandeses abriram na rocha do forte da Caçandama a bateria inferior ou do mar.

Nunca fomos visitar a fortaleza de Sam-Pedro da Barra, mas havemos ainda de a estudar e ver com nossos próprios olhos, se Deus quiser.

O monumento, na parte arqueológica, ficará, pois, para outra ocasião.

3—No govêrno de André Vidal de Negreiros

CONSTOU em Lisboa que uma numerosa armáda de Castela se preparava para vir infestar o Reino-de-Angola e por isso el-rei dom Afonso VI mandou aviso ao governador André Vidal de Negreiros, para que estivesse preparado para a defesa.

Cadornega conta da seguinte maneira as providências que foram tomadas:

...com dito aviso tratou logo o gov. Negreiros de preparar e abastecer as fortalezas da Marinha e mais fortificações, botando um recinto à Cidade pelos áltos da Ingombota e banda de terra, com trincheiras da mesma matéria de boa altura, com cáva bastante por fóra, baluarte e travessas de taipa de pilão, abastecidos de artilharia, fazendo na Maianga e sítio da Lagoa chamada dos Elefantes—onde estão as cacimbas ou poços de água de que bebe a gente desta Cidade—uma casa-mata para sua defesa, mandando abrir a cova e trincheiras da Caçandama, fazendo-se ao pé da montanha e caminho, que sobe para cima, um baluarte de terra e fachina para defesa do desembarcadouro, mandando pôr nêle artilharia para descortinar e lavar aquela praia.—

4—No govêrno da Câmara Municipal, em 1668.

O capitão-mór João Soares de Almeida era, segundo diz o nosso Cadornega, um militar muito trabalhador:

—... recolheu-se para esta Cidade, e, por não estar ocioso no Real Serviço, se empregou na reedificação da fortaleza da

Caçandama, que se achava arruinada com o tempo, em cujo trabalho assistiu, a quasi uma légua da Cidade. pessoalmente: acudindo-lhe o Governador (Os Officiaes do Senado da Câmara) com todo o aparato necessário até a pôr em defesa, e, acabada de todo, se viu que foi de muita consideração por ser aquella fortaleza ou fôrte de muita utilidade naquella paragem, em que se gastou tempo por ser tôda reedificada de pedra e cal.

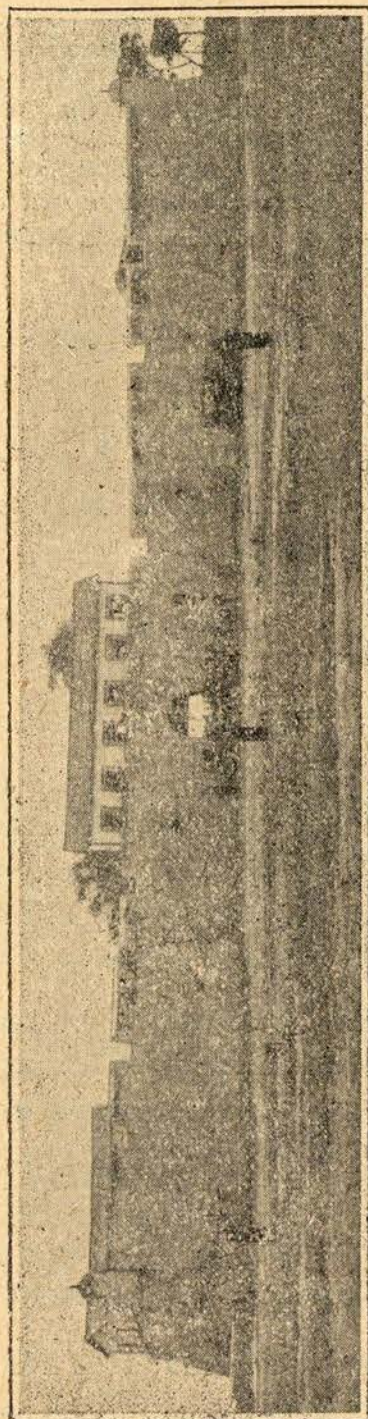
**5—No govêrno da Câmara Municipal (1702-1705)
(Reinâdo de dom Pedro II)**

NO seu estudo ou descrição das fortalezas, que defendem a cidade de Luanda, escrito em 1846 e publicado em 1850 nas páginas da *Revista Militar*—F. Xavier Lopes traz a seguinte informação:

—O Senado da Câmara, que governou por morte do capitão general Bernardino de Távora Sousa Tavares, começou a cercar—o recinto do fôrte da Caçandama—de pedra e cal, mandando esculpir —em uma lápide que está colocada na parede interior do repáro em que foi aberta a pórtta principal,—o seguinte letreiro:

Dom Pedro II, Rei de Portugal e da Etiópia, mandou fazer êste fôrte e o fundou o Nobre Senado da Câmara—Governador e Capitão General dêstes Reinos. Ano—1703.—

Certamente. nos Livros do Arquivo Municipal deve constar ou existir a notícia relativa a estas óbras. Também havemos de investigar, um dia...



LUANDA - A fortaleza de Sam-Pedro da Barra (Caçandama)

6—No tempo do gov. dom António A'lvares da Cunha

DOM António Álvares da Cunha governou Angola de 1753 a 1758. A seu respeito, o Catálogo dos Governadores, publicado pela Academia de Ciências de Lisboa, diz o seguinte:

—Foi este Governador operário incansável e, à fôrça de sua natural actividade, conseguiu completar, em seu tempo, três nobilíssimos edificios, qualquer dêles empresa sufficiente a encher os anos em que governou.

Foi o primeiro...

O segundo...

A Fortaleza de Sam-Pedro do môrro de Caçandama—foi o TERCEIRO, que, achando-a nos alicerces, em menos de um ano, ficou completamente acabada.—

Por sua vez, Féo Tôrres narra o facto desta maneira e com mais largueza:

—Dom António A'lvares da Cunha levantou igualmente quâsi de seu pé a Fortaleza do môrro da Caçandama, que concluiu em menos de um ano, pois, sem embârgo dela estar uma légua distante da Cidade, raros foram os dias em que deixou de ir examinar e assistir aos trabalhos, saindo, muitas vezes, de casa, logo depois da meia-noite, para evitar os ardentes calores do sol.—

Na nossa opinião, embora de pouco valor, não precisava de fazer assim uma tal...madrugáda, nem que a tipoia fôsse carregada por...duas ou quatro...tartarugas!!!

Por sua vez, Xavier Lopes copia e aumenta as dificuldades:

—...saindo do palácio depois de meia-noite, para evitar o sol, que é o verdadeiro e único veneno do país.—

Para felicidade de nós todos, hoje em dia está averiguado e provado... que o sol tropical angolano já não é mais um...veneno, mas antes um...remédio. fácil de se tomar.

Deixemos a medi cina e continuemos com a...bélica.

7—No govêrno de dom António de Lencastre.

DOM António de Lencastre governou Angola de 1772 a 1779. A seu respeito, o referido Catálogo da Academia de Ciências diz o seguinte:

—Principiou a dar melhor formalidade à bateria do mar da fortaleza de Sam-Pedro que cruza (o seu fogo com o do fôrte da Ilha,) à entrada da barra, fazendo rebaixar o terraplano e alargar as comunicações, cuja obra não acabou por lhe chegar sucessor. —

8—No govêrno de dom José Gonçalo da Câmara

DOM José Gonçalo da Câmara governou Angola de Dezembro de 1779 a Dezembro de 1782.

Também deu o seu auxílio às obras da Fortaleza de Sam-Pedro da barra de Luanda.

Mandou abrir na rocha os armazéns para guêrdo dos reparos das peças e mais material de guerra. —

9—Nótas militares.

O fôrte de Sam Pedro da Barra cruzava o seu fogo com o do fôrte de Nossa Senhora da Flor da Rosa, que existiu na ponta da Ilha construído em 1696 no tempo do governador Henrique Jaques de Magalhães. Depois, perto da ermida da Senhora do Cabo, existiu outro fôrte, para substituir o da ponta, que o mar comeu.

Existiram mais outros fôrtes ou fortins em Luanda: de Santo-Amaro, na Maianga; o de Santo-Antonio; o da Senhora da Guía na praia e fúndo do môrro de Sam Paulo e não no meio da baía; o de Sam-Fernando, na barra da Curimba; o das Necessidades; o da Conceição; o da Fôrça; o de Vicente Velho; o de Caquaco...

De redútos, então temos conhecimento de mais de uma dúzia.

Advertência

O nosso estúdo, aliás incompleto, da Fortaleza-da-Caçandama tem o *visto* da Censúra com a dáta de 12-VIII-1932.

No «Boletim Oficial»-1932-I série e página 338, vem a Portaria número 1:057, de 9 de Setembro, pela qual o ex.^{mo} sr. Governador Geral, interino, Coronel Eduardo Ferreira Viana houve—*por conveniente determinar que a fortaleza de Sam-Pedro, da barra de Luanda, para todos os efeitos, seja considerada Monumento Provincial.*—

Na verdade, a Fortaleza de Sam-Pedro é—*um dos padrões a que estão ligadas vivas recordações do patriótico esforço produzido pelos Portugueses em Angola.*—

Os vândalos, na sua fúria de destruir e roubar, nem respeitam as pedras...sagradas!!!

As palavras da Portaria dizem tudo: *Atendendo a que não convém deixar por mais tempo este antigo forte exposto, em especial, à acção devastadora do espírito de destruição e do roubo...*

Infelizmente, nem tôdas as pessoas podem compreender o valor e a utilidade dos monumentos provinciais...

Por isso...

Não são conservados...porque são uma censúra viva!!!

Não são estimados...porque são lições de hõnra e de trabalho!!!

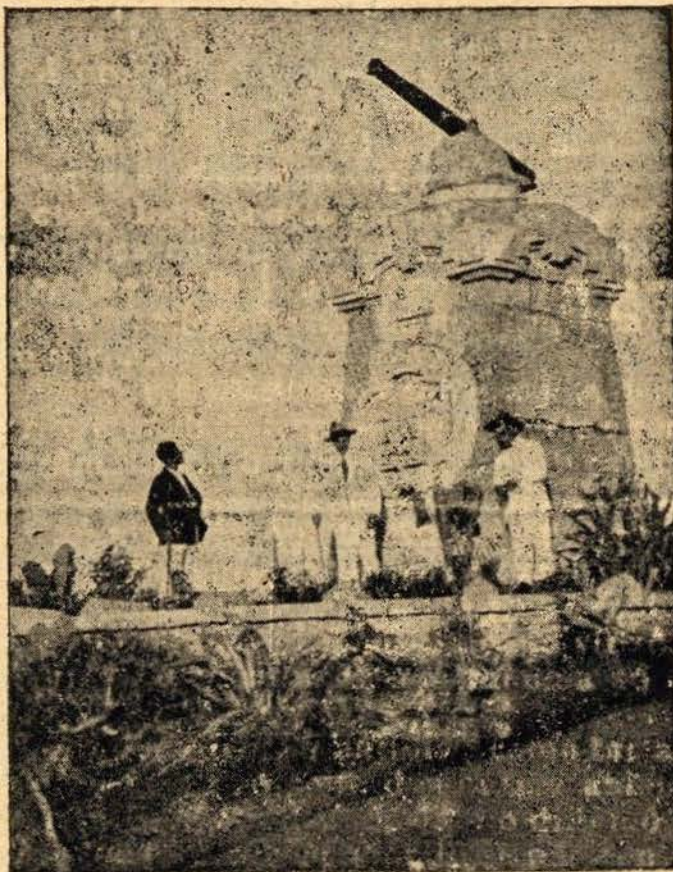
15/Nov./1932

P. R.

Efemérides Provinciais

CATÁLOGO OU
LISTA DOS GO-
VERNADORES
DE ANGOLA
COM AS RESPECTI-
VAS PRÓVAS

Pelo sr. prof.
Delgado



(Cont. da pág. 168)

(Canhão histórico)

IX—Dom Manuel Pereira Forjaz.

DÁTAS:



A patente de governador dom MANUEL PEREIRA FORJAZ tem a data de 2 de Agosto de 1606 e enquanto El-Rei o houvesse por bem e não mandasse o contrário.

Chegou à Luanda em 1607 e já lá estava em 10 de Setembro. Morreu ali repentinamente ao princípio da noite de 15 de Abril de 1611.

Lopes de Lima nas páginas XXII e 93 erra sobre o ano da paténte e dia da morte.

FONTES OU PRÓVAS:

A paténte é de 2 de Agosto de 1606 e não de 1607, como diz Lopes de Lima; e está na Chancelaria de dom Filipe II, livro 36, fólha 159, verso.

Chegou à Luanda em 1607; em 10 de Setembro já lá estava, porque nesta dáta a sua paténte foi registada no livro da feitoria de Luanda, onde se registavam tôdas as provisões reais.

Num caderno de Provisões de 1583 a 1610 (*Na caixa 145 da Secção Ultramarina, que estava então guardada na Biblioteca Nacional de Lisboa*), existe o trasládo desta referida paténte.

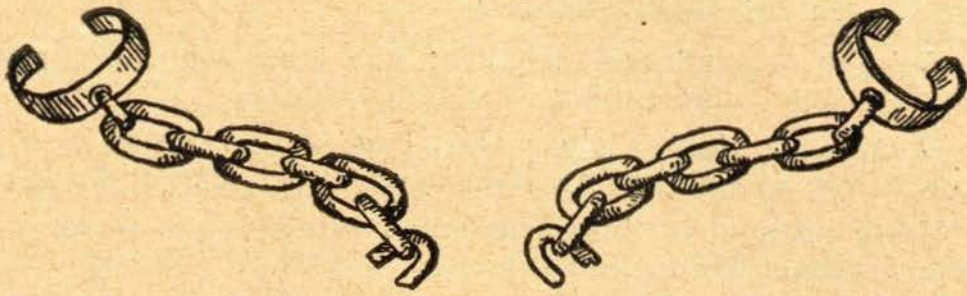
A dáta da morte consta do *Trasládo dos autos que se processaram por morte do governador d. Manuel Pereira Forjaz e da eleição do govêrno em o capitão-mór Bento Banha Cardoso*, existente no Arquivo Nacional da Torre-do-Tômbio de Lisboa, no Corpo Cronológico, páte II, máço 319, documento 144.

Lisboa,

Janeiro de 1929.

(Continua)

João Mathias de Aguiar



1640

PRIMEIRO DE DEZEMBRO

Os Holandeses contra os Portugueses

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA MILITAR DO CONDOMÍNIO PORTUGUÊS
E HOLANDÊS EM ANGOLA

(1641-1648)

(Continuação da página 184)

10—Os cuidádos de Pedro César

POR SUA VEZ, O GOVERNADOR PEDRO CÉSAR DE Meneses mandou uma embaixada a entender-se, lá na baía de Luanda, com os chefes dos Holandeses, mas... não fizeram caso algum da sua reclamação ou informação, que era mui justa.

—«Não fique em esquecimento dizer-se em como o governador Pedro César quer saber que gente era a daquela armáda que lhe vinha invadir a terra, pelo que lhes mandou uma embaixada a dizer que esta terra e mais reinos estavam por el-rei dom João IV de Portugal, e que sabia que estava em paz com todos os príncipes de Itália e Províncias Unidas de Holanda.

¿ Que razão havia para, à falsa-fé e de surpresa, invadirem a terra de seu Príncipe e Senhor ?

Ao que responderam, frívolos: que eram mandados por seus maiores e que... não sabiam de outra coisa.»—

O morador Gaspar Gonçalves, com alguns pretos seus, ainda espingardeou lá em cima os Flamengos, com morte de alguns.

Neste pequeno e único encôntro, também de nosso lado foi morto o alferes Manuel de Siqueira, natural de Vila Viçosa.

Cadornega, que também era de Vila-Viçosa, diz que Manuel de Siqueira era filho de Goldres de Siqueira, morador na rua da Cadeia.

Desanimado, o governador Pedro César de Meneses recolheu-se á Fortaleza de Santa-Cruz, que guarneceu com a infantaria paga com que se achava e ali.. estava resolvido a vender cara a sua vida.

II—A resolução patriótica

Não era possível, humanamente falando, opôr de nosso lado uma resistência honrosa contra os Holandeses, pelo seu elevado número de soldádos, e bem apetrechados.

Sem perder tempo, não de ânimo assustado, mas com uma deliberação sensata e criteriosa e prudentíssima, a nossa gente resolveu fazer a retiráda estratégica para o interior da Conquista e escolheu o presídio de Maçangano para residência ou capital provisória.

Contra factos consumados!!!...

Mas... tomando as providências que o apêrto requeria,—«o bispo dom Francisco do Sovral se ajuntou em uma casa com os cidadãos principais; e, praticando sôbre o estádo em que aquelas coisas se achavam, resolveram que era necessário dar-lhes o remédio que pudesse haver, enquanto sua Majestade acudia; por isso era de muita utilidade retirarem-se com aquele limitado podêr ao sertão, onde se poderiam sustentar enquanto não vinha quem lançasse aquele inimigo fóra da cidade e reinos: e que, encorporados com a gente da Conquista, se podiam conservar e fazer alguma opposição...

Nisto conferiram ou concordaram todos e, já de noite, foram buscar o Governador, ao qual o Bispo e mais pessoas principais manifestaram as razões ditas, a que respondeu com esta resolução:

—Já que fui tam desgraçado em perder minha reputação por falta de podêr, quero também perder a vida nesta fortaleza de Santa-Cruz como soldádo ..

O Bispo e os mais tal resolução lhe protestaram... pelo bem do Reino de sua Majestade, e mais lhe disseram que daria cõntas a Deus do mal que a êles lhes viesse e a todo o mais Reino de Angola, por não querer fazer o que era a conservação dêstes Reinos e o serviço de sua Majestade...»—

O governador Pedro Cesar, que era prudente e ajuizado pensou e mediu as graves responsabilidades, não de sua pessoa, mas do seu cargo, e pediu:—*lhe fizessem um papel assinado por todos, dizendo que aquela retiráda ao sertão era serviço de El-Rei e conservação dêstes Reinos; o que se pôs logo por obra como a ocasião o pedia...*—

Feito o papel e assinado pelo Bispo Sovral e cidadãos principais e capitães, que se tinham congregado ou reunido para tal conselho, foram logo dadas as seguintes ordens:

a)—ao capitão do fôrte de Sam-Filipe do Penedo, que se chamava André Coelho de Melo, cavaleiro do hábito de Santiago e cidadão de Lisboa, para que se retirasse com a guarnição que tinha, botando a munição ao mar, e que encravasse as péças,

b)—ao capitão da estacáda da Caçandama, que era um morador da terra e cidadão por nome António Vás da Costa, mas não houve recádo que lá pudesse ir por estar o inimigo no meio,

c)—ao capitão da fortaleza de Santa-Cruz, que era Matias Teles Barreto, cidadão dos principais da cidade, o qual se achava dentro da fortaleza com um tio de sua espôsa dona Luísa Freire, por nome frei João de Angola, religioso autorizado e frade calçado do Carmo, que tinha desempenhado o cargo de provincial no seu convento da Baía,

d)—ao capitão e guarnição do fôrte da Fôrca,

e)—ao capitão do fôrte de Vicente Velho, que assim se chamava, e

f)—à fortaleza de Nossa Senhora da Guia, mandando também retirar dos Armazéns-Reais, que ali estavam instalados, tôda a munição para ser levada para o máto.

12—A despedida ou abandôno da cidade de Luanda ..

Era já perto da meia noite de 24 de Agosto, quando o governador Pedro César de Meneses chegou ao seu palácio da praça com os capitães e infantaria e alguns moradores principais, que o acompanhavam, aos quais deu alguns barrís de pólvora e cunhetes de balas e morrão, para mandarem carregar pelos seus escravos...

O bom do Prelado dom Francisco do Sovral também tratou de acomodar na bagagem dos moradores a prata da Matriz, que era muita...

Postas estas coisas em ordem, os moradores, naquele breve tempo, tiraram também de suas casas o mais precioso, e os homens de negócio quasi nada puderam salvar de suas fazendas.

Eram duas horas da madrugada do dia 25 de Agosto, quando deixou a cidade de Luanda o governador Pedro César de Menezes com toda a sua gente: a saída fez-se pelo lado do Convento de Sam-José dos Frades Franciscanos, porque os demais caminhos já estavam tomados pelo inimigo.

Como sabem, o Convento ficava no sítio onde está actualmente o Hospital Central.

Na frente, saíram os velhos e as senhoras e as crianças, mas, por a noite ser muito escura, perderam-se e quasi—«se iam meter nas mãos dos Flamengós, até que um morador topou com uma preta que naqueles matos fazia carvão, e esta os encaminhou para o sítio de BEM-BEM.

A êste sítio do BEM-BEM chegou o Governador com mais companhia ao romper de alva, quando se ouviam grandes descargas do inimigo, que deu assim testêjo por entrar na nossa cidade de Luanda...

Nas casas abandonadas, os Holandeses encontraram abundante e valioso rechêio.

Neste sítio de BEM-BEM achámos o Bispo, que, como teve os seus seminaristas, filhos da terra, que o acompanhavam, êstes souberam melhor as veredas; folgou muito de ver o Governador, que, como viu que tardasse, cuidou: lhe havia sucedido algum mal...»—

Cadornega narra, nesta altura, que o governador Pedro César de Menezes se apresentava muito abatido física e moralmente; mas o bispo dom Francisco do Sovral o consolou e encorajou com palavras de verdadeira religião e de patriotismo resignado.

Era lástima ver a fadiga das senhoras e donzelas nestes trabalhos e descómodos em que vinham, cada qual carregando seus filhinhos e irmãosinhos e os atádos de suas roupas...

Naquele repentino e inesperado acidente, os próprios escravos fugiam, como era natural, e deixavam ao abandono as suas cargas...

Perderam-se também quasi todos os caixotes, onde iam os papéis e livros do arquivó do Reino-de-Angola.

Continua a márchã...

—«Encorporada que teve o Governador a gente tãda, foi marchando para os arimos e searas de SEQUILE, por um sol tam terrível que não havia quem pudesse pôr os pés na areia daquele caminhu, sem haver, em todo êle, um pingo de água com que se pudessem refrigerar de tamanho calor, até que com esta moléstia se chegou de noite àquele sítio, onde havia esparzidas algumas cásas de palha...

Ali, no sítio de SEQUILE, fez alto o Governador com a sua gente, e dormiram naquela noite, todos com as barrigas vazias; por não haver nada que comer, que são terras agrestes e só ser- vem, quando chove, para produzir muito milho grosso e miúdo.»—

13—Nas margens do rio Bengo

No dia 26 de Agosto, o Governador levantou daquele sítio de SEQUILE com tãda a sua gente, e, marchando por aquela estéril terra, chegaram ao meio-dia à fazenda dos Padres da Companhia-de-Jesus, sita junto do rio Bengo, com boas cásas assobradadas e capela de dizer Missa, e com muita frescura de pomares e hortaliça.

—«Ali se refrescou—a gente da retirãda—em a abundante e cristalina água daquele rio, e matou a fome com o que aqueles piedosos Padres ofereceram ao Governador de farinha de guerra e de bois, que logo mandou matar e repartir pela infantaria e mais gente »

Para se refazer da márchã, a demóra aqui foi de dois dias.

Por sua vez, o governador Pedro César com a gente de ármãs fez acampamento na fazenda do morador Gregório Ribeiro, num ponto elevado e estratégico, com sentinelas e rondas.

A noticia de tamanha calamidade já havia chegado ao presídio de Maçangano.

14—Os portadores da noticia para Lisboa

O capitão e cabo da navegação do rio Quanza Fernão Rodrigues veio à fazenda de Gregório Ribeiro a encontrar-se com o governador Pedro César de Meneses, que lhe mandou aparelhar, com a maior urgência, dois patachos, possantes e de cobéria, para a noticia do desgraçado successo ser levada à Lisboa.

Num dos patachos: foram o padre João Leitão, jesuíta, e mestre que havia sido de gramática em Luanda, e Roque Vás,

patrão ou senhorio de navio; no outro patacho: António da Fonseca Dornelas, militar, e Jacinto de Araújo, funcionário da casa-dos-contos ou fazenda.

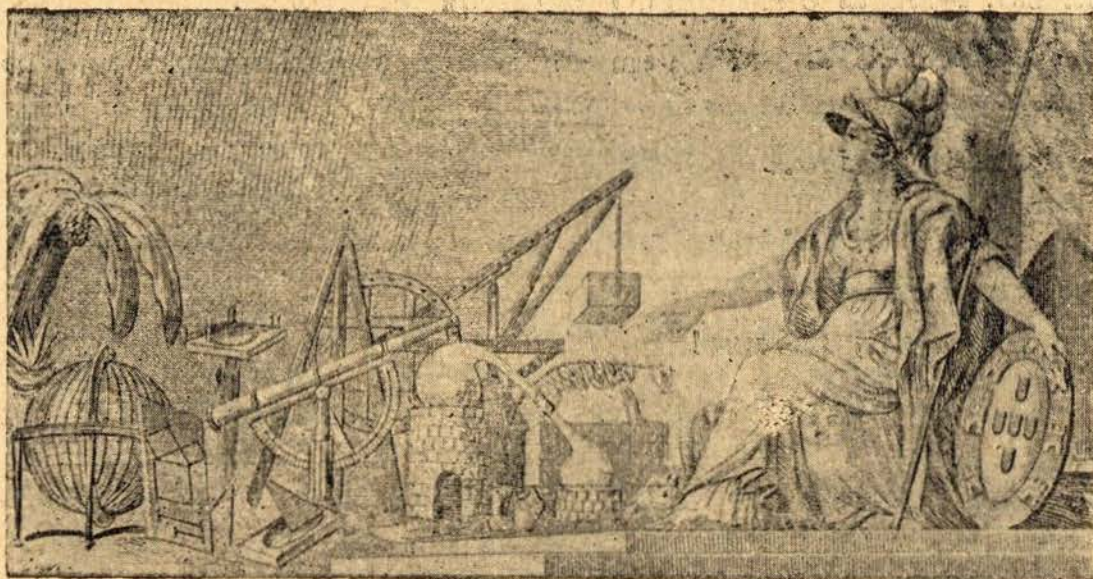
¿ Se levaram a recomendação em documento escrito, ou em segrêdo oral, para melhor segurança?—havemos de averiguar, um dia.

15—Dom João IV entretinha-se à cáça...

Pela barra do rio Quanza saíram os dois patachos: António Fonseca Ornelas foi o primeiro a chegar ao pôrto de Lisboa, no dia vinte de Dezembro, e logo correu a dar conta ou desempenho da sua delicadíssima missão.

—*Achou que El-Rei dom João IV andava à cáça da outra parte do Tejo. Recebeu a notícia dos sucessos de Angola e não foi tam breve o remédio, como pedia perda tam considerável.*—

(Continua)

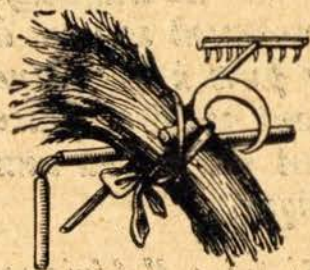


MISCELÂNEA

--DE--

Apontamentos velhos e antigos—Impressões, comentários,
crítica,—nótas à margem & novidades

Nestes climas tam doentios...



invéja!

NESTES CLIMAS TAM DOENTIOS E onde os homens se tornam, à fôrça, maldizentes, a nós nos impusemos, nas nossas páginas, não levantar questões dessas que, embora muito barulhentas e escandalosas, nada são úteis e beneméritas, em absoluto e em relativo.

Nunca se viu ninguém engordar com a...

Também o SOL, quando nasce, alumia a todos...

O chamado *bicho-homem*, que é invejoso e vingativo e mau, não pode, no seu cotidiano penár, ver uma ..camisa lavada vestida pelo seu vizinho.

Mas...mas...mas...quem vende cabritos e cabras não tem?!...

Caros Leitores honrados: a vaidade, por ser filha da ignorância, também é estúpida, e entupida, é...é...

CONCLUSÃO:—Lá vem um dia de Justiça em que tudo se revela e descobre!

Cá se fazem...

Cá se gozam...

Cá se pagam...

Libera nos, Dómine!

Padre RUELA

Vocábulos

(Continuação da página)

I—A'FRICA

Le nom de l'Afrique a des origines obscures et ne semble pas, en tout, cas, bien significatif. Il apparaît avec les Romains, qui l'ont emprunté aux Phéniciens (colonie ou pays des fruits), soit aux Berbères (tribu des Aouraghen). Il s'est appliqué d'abord au territoire anciennement soumis à Carthage, en somme à la Tunisie actuelle puis à l'Afrique du Nord et au continent tout entier, prenant ainsi la place du nom Libye, dont le sens se restreignait peu à peu aux régions de la Taipolitaine et de la Cyrénaïque.

(Georges Hardy.— *Vue général de l'Histoire d'Afrique.* Paris, 1922.—Collection Armand Colin).

II—ANGOLA

O nome de ANGOLA parece proveniente do apelido de N'Gola que usava o rei de Dongo, ao tempo da conquista (pelos Portugueses). O território de Dongo, na parte média, fica entre o Lucala e o Quanza, correspondendo, pouco mais ou menos, ao antigo concelho de Pungo-Andongo. N'Gola estendia os seus domínios por toda a região entre o Loge e o Quanza, confrontando-os com o Reino-de-Congo, ao norte, e com o de Benguela, ao sul. Dêstes dois Reinos, com o de N'Gola, se formou a possessão que, mais tarde, havia de tomar o nome de ANGOLA, de certo por ser em território do Rei de N'Gola, fronteiro à ILHA-DE-LUAN-DA, que se instalou a séde do governo.

(ERNESTO DE VASCONCELOS—à p. 273 do seu precioso livro *As Colónias Portuguesas*, 1921).

III—LUANDA

Este nombre de Luanda, en lingua etyópica, quiere dezir Estera (puesto que por otro nombre le llaman los habitantes de la tierra a dentro de Angola—maxissa); del qual nombre primero usan los moradores de una isla pequeña que está cercana al puerto de Angola, ò por mejor dezir cercana de la villa de S. Pablo, poblacion de los Portugueses que habitan en ella, juntamente com los Governadores que deste Reyno van por mandado de su Magestad aquella conquista. Esta isla, que trato, está distante de nuestra poblacion y villa de S. Pabla, poco mas de lo que dista la villa de Almada de la ciudad de Lisboa, la qual isla podrá tener cinco leguas, poco mas ò menos, de largo y de ancho menos de media legua: lo que fue la causa deste nombre, puesto por los moradores de la misma isla por la tal semejança. Porque, como

las esteras, que estos usan para servicio suyo, son angostas y largas, a las quales llaman Luandas. quedó la dicha isla, por ser larga y angosta, con el mismo nombre. Esto es quanto al nombre...

(Doutor ALEIXO DE ABREU—«Tratado de las siete enfermedades». 1623).

(Continua)

Primeira viagem à Angola de Paulo Dias de Novais

(Continuação da pág. 152 e conclusão)

Chegou Paulo Dias à Angola a 3 de Maio, dia de Santa-Cruz, do ano de 1560 e no domingo seguinte mandou um batel pelo rio (Quanza) acima em que foi Luís Dias e dom António, natural da terra que foi um dos dois embaixadores, que vieram a Portugal, um marinheiro mulato; e, dia de Sam-João, tornou Luís Dias com alguns frutos que lhe o Rei deu e uma carta de um português, natural do Barreiro, que lá andava, em que avisava a Paulo Dias que não fôsse pelo rio acima; após este recado, tornou dom António com outro fidalgo chamado Gongasis, com muita gente, para levarem o fato a Paulo Dias e aos Padres; e por Paulo Dias recear o aviso da Côrte e não querer ir, fizeram uma ramada na ribeira, em que se recolheram; depois disto foi o mestre da caravela e dom António a El-Rei e êle lhes mostrou um RETÁBULO, LIVROS E VESTIMENTA E PEDRA-DE-ARA e se tornou com o mesmo dom António; trás isto, mandou Paulo Dias e os Padres dizer a El-Rei: se queria Cristandade, a que êle respondeu que, pois, seu Irmão lhe mandou Cristandade, que êle queria ser cristão e que, se Paulo Dias não queria desembarcar, lhe levasse os Padres.

Paulo Dias mandou por d. António dizer a El-Rei que lhe mandasse os Portugueses que lá andavam, para falar com êles e, porque não vieram e o outro fidalgo estivesse esperando dois meses e mais sem Paulo Dias querer desembarcar, se tornaram e levaram a mula a El-Rei, e neste tempo davam cada semana aos da caravela três vacas, capádas e carneirps e outro mantimento da terra; e, porque um creádo de Paulo Dias, depois de ido d. António e o fidalgo, lhe dissera que se dizia que por mêdo deixava de desembarcar, o fêz logo, e se foi à Ramada onde os Padres estavam

e diziam Missa e logo ao outro dia se embarcou no batel com as pessoas somente e com as cousas que levava para El-Rei.

Chegou a Maçangano, onde o batel podia chegar e daí se foi ter com o fidalgo chamado Angora Corengela, duas léguas de Maçangano, onde esteve um dia e uma noite; ao outro dia pela manhã se partiu para outro fidalgo; que chamavam Babatum, duas léguas do primeiro; daí a três jornadas, foi ter com outro fidalgo, que chamavam Cabaço, que o teve 4 dias consigo; e depois meses; e, depois de Paulo Dias ter partido, partiu o padre Gouveia, com um seu companheiro, por ser morto o padre castelhano (Augusto Lacerda) e outro companheiro estar mal disposto; e, duas jornadas de Maçangano, na terra de um fidalgo chamado Babatango, chegou a êle d. António e Gongasis, capitão de El-Rei que vinha pelos Padres e pelo seu fato, o qual tomaram do batel em Maçangano e se partiram com êle alegres; depois disto, chegou um homem de Paulo Dias para Luís Dias; em que lhe dizia que ficava contente da terra e com saúde, que lhe mandasse os vestidos e a bacia e os foles de ferreiro; e se lhe mandaram; e, porque Paulo Dias esteve com El-Rei 5 ou 6 meses, e a caravela e caravelão tinham falta de água, se foram a Sam-Tomé, conforme tinham assentado; diz a Relação que folgou El-Rei com os patos (fatos?) e vestidos que lhe deram.

Fôlha 30.—Por carta de um António Capão, marinheiro, escrita de Sam-Tomé, em 5 de Julho de 1561 se soube como Paulo Dias e 38 pessoas que estavam com El-Rei de Angola não mandaram recado em mais de 7 meses; e havendo 13 que estiveram na Barra (do Quanza), por lhe faltar água, e a caravela e o caravelão se tratarem mal, se foram a Sam-Tomé, conforme lhes ordenara Paulo Dias.

Soube-se que El-Rei de Angola tomara a metade da fazenda que levavam, com pretêxto de a pagar, e que havia lá falta de mantimentos, porque, fóra de algum feijão, não havia outra cousa, e ainda dêsse lhes davam os pretos pouca quantidade.

Fl. 33.—Pedi El-Rei de Angola prégadores para se fazer Cristandade em seu Reino, para o qual lhe mandava El-Rei por Embaixador a Ambrósio de Azevedo, com alguns Padres da Companhia; parece que não houve efeito a ida dêste Embaixador, porque os Padres foram com Paulo Dias; por portaria feita em Lisboa a 17 de Julho de 1560.

Manuel Cerveira Pereira

Dos dois governos de MANUEL CERVEIRA PEREIRA e da fundação de Benguela-a-Nova, estudo feito à luz de ótimos e autênticos documentos que existem em Lisboa, vai-nos mandar um importante trabalho o nosso distinto colaborador rev.^{mo} sr. cônego DOCTOR DELGADO.

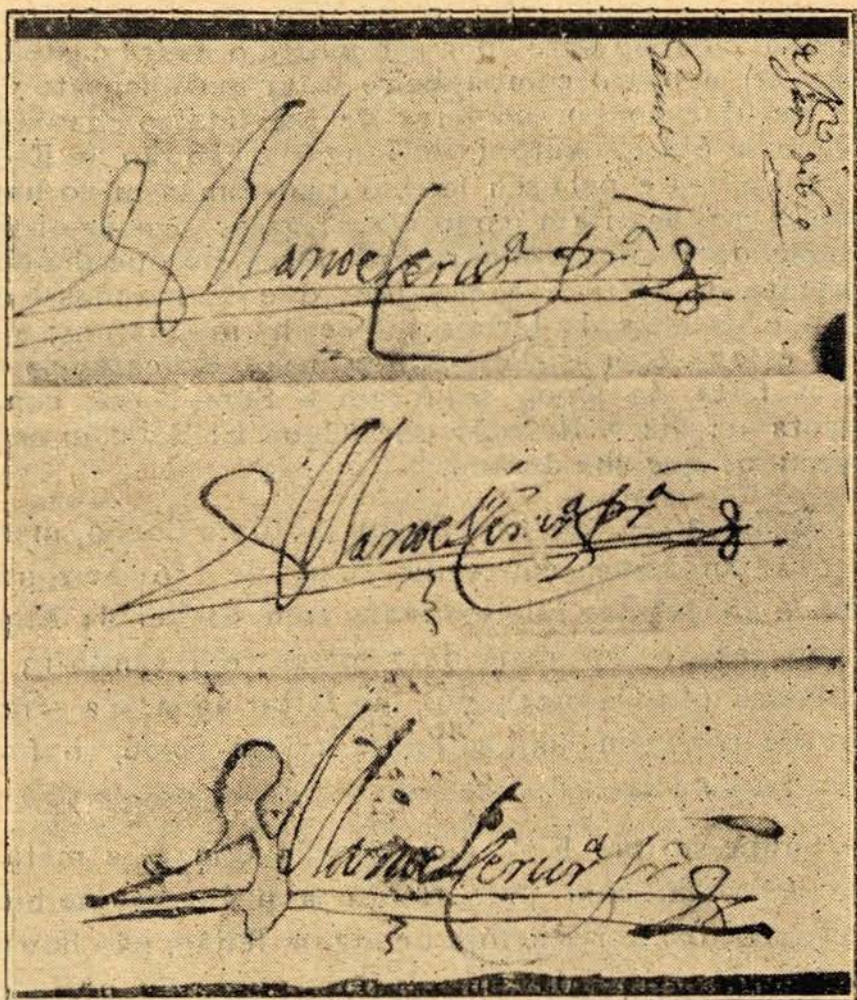
Está bem averiguado que Cerveira Pereira faleceu em Luanda a 9 de Abril de 1626; e, pelo inventário de seus bens, podemos dizer que era abastadíssimo.

Foi um lutador de resistência colossal e

sempre escorado pelos Padres da Companhia-de-Jesus.

No *Museu Britânico* existem cartas, ou cópias de cartas, de Manuel Cerveira Pereira. («Catálogo dos Manuscritos Portugueses existentes no M. B.: por Frederico Francisco de la Figanière, 1853, à p. 227).

Como se vê por esta gravura, nos Documentos que existem e vimos na Secção Ultramarina da Biblioteca Nacional de Lisboa, do próprio punho do Fundador de Benguela-a-Nova, êle sempre se assinava Manuel Cerveira Pereira.



A Misericórdia de Maçangano

Sua Alteza manda passar Provisão aos moradores da vilá da Vitória de Maçangano, para que a Misericórdia que de novo erigiram naquela vila, com nome de hospital, possa gozar dos mesmos privilégios concedidos à Misericórdia de Luanda.
—Lisboa, 22 de Agosto de 1675.

M'Banza ou N'Banza de Congo

A cabeça do Reino-de-Congo é a cidade do Salvador (sic), onde o rei reside ordinariamente, que pelo seu nome se chama Banza, que é o mesmo que côrte. Está afastada do mar 40 léguas, pouco mais ou menos, e em um oiteiro alto, no qual está uma planície grande e mui capaz, e é de bons ares, sadia, e de muitas águas, e o vále abaixo é bem cultivado. Está uma ponta dêste oiteiro cercada de muro, dentro do qual têm os Portugueses seu recolhimento também cer-

cado, ficando entre êste circuito e os paços de El-Rei, que também são cercados de muro, um grande espaço em que está a Sé-Catedral, e ao redor dêstes circuitos vivem os seus fidalgos, tomandô cada um o sítio que lhe parece, muito largo, de modo que vem a fazer uma cidade grandíssima! Este Reino se descobriu no tempo de El-Rei dom João II...

(*Memórias do Ultramar* — Fasc. IV, p. 19. — Documento de 1607.)

Com a licença da Autoridade Eclesiástica

Visado pela Comissão de Censúra

COMPOSTO E IMPRESSO
na TIPOGRAFIA MINERVA
* LUANDA *

12.)

Começou-se a publicar em Luanda a revista *Diogo-Cão*, de que é director e proprietário o rev.^{do} sr. Padre Manuel Ruela Pombo, missionário secular do quádros de Angola e investigador muito erudito. (*A seguir dá o sumário do nosso primeiro número*).

O número, que temos presente, é revelador da excepcional erudição do Padre Ruela Pombo, e deixa-nos a certeza de que a revista prestará excelentes serviços na divulgação de muitos documentos e no esclarecimento de muitos problemas da História-de-Angola.

Agora:—a nota da página 8, que nos diz respeito, dá-nos vontade de acabar o que principiámos a estudar em 1930.

Talvez...

(*Do diário de Lisboa--A VOZ--na secção Educação & Ensino, de 14-Maio-1932, que é dirigida pelo sr. dr. Manuel Múrias.--Na secção Bazar das letras..., do dia 6, também foi dada a noticia do nosso... nascimento*)

13.)

Recebi o *Almanaque-Anuário de Angola* e o primeiro número da sua revista *Diogo-Cão*.

Achei o Almanaque muito bom e curioso e artístico.

Li a tal... hora trágica, que o Colega riscou, à página 157, e... ri-me a valer, tanto da... apresentação como do fenomenal...soneto!!!

Quanto à sua revista—acho-a com muita força histórica...

O Colega é arrojado, mas...o assunto depressa se lhe acabará. Eu com todo o gosto o ajudava, mas ainda não pude pôr a limpo o meu trabalho (cópia e ligação de documentos) sobre a fundação de Benguela-a-Nova.

(*De uma CARTA do rev.^{mo} sr. cônego professor DELGADO,—Lisboa, 7 de Maio de 1932*).

14.)

Por intermédio do nosso comum Amigo Senhor Frazão de Vasconcelos, tive o gosto de receber o número 1 da sua revista *Diogo-Cão*, cujo oferecimento agradeço, e cuja iniciativa grandemente aplaudo.

Sabedor agora dum enderêço bom para lhe escrever, quero dar-lhe uma devida explicação: o trabalho sôbre os condenados da Inconfidência-Min ira, que me ofereceu para o volume da *Revista de História*, que foi publicado em homenagem ao grande escritor e pensador brasileiro dr. OLIVEIRA LIMA, já não pôde entrar, por falta de espaço, visto o editor não poder exceder as 320 páginas da impressão.

Como deve ter visto, declarei isto na página 324 e guardei o manuscrito, à espera de apurar o seu enderêço. Mas as minhas contínuas e longínquas viagens impediram-me até hoje de o obter.

Outro dia, visitando o Arquivo Histórico Colonial, à Junqueira, combinei com o sr. Pires Avelanoso fazê-lo publicar no respectivo boletim, com esta declaração, por aquele Amigo afirmar que o Reverendo estaria de acôrdo com esta solução:

Aquí tem o que eu necessitava dizer-lhe...

(De uma CARTA do sr. dr. FIDELINO DE FIGUEIREDO — Lisboa, 10 de Maio de 1932).

15.)

Muito agradeço a oferta do primeiro número da revista *Diogo-Cão*, com cuja leitura fiquei bem impressionado, congratulando-me com a sua aparição e fazendo votos para que continue e prospere tam interessante e útil publicação.

Na revista *História*, da minha direcção, darei noticia do seu aparecimento. Neste arquivo existem diversos documentos relativos às diversas expedições à Angola desde 1822.

(De um OFÍCIO do sr. Coronel FERREIRA DE LIMA, director do Arquivo Histórico Militar.— Lisboa, 5 de Maio de 1932).

(Continua.)